

O USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA PRODUÇÃO ESCRITA EM LÍNGUA INGLESA

THE USE OF ARTIFICIAL INTELLIGENCE IN WRITTEN PRODUCTION IN ENGLISH

Marcos Vinicius Jácome de Melo¹
Diêgo Cesar Leandro²

RESUMO: Este trabalho objetivou investigar o perfil tecnológico de aprendizes de inglês como Língua Estrangeira (LE) e analisar suas percepções sobre o uso da Inteligência Artificial (IA) na escrita em língua inglesa. A pesquisa foi conduzida com 13 aprendizes do curso de Letras-Inglês da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), que estavam matriculados numa disciplina sobre leitura e produção escrita em inglês. Os participantes responderam a um questionário de perfil, foram expostos a uma oficina pedagógica sobre IA e escrita, e participaram de uma entrevista do tipo grupo focal imediatamente após a intervenção pedagógica. Os itens fechados do questionário de perfil foram analisados por meio de gráficos, enquanto o item aberto do questionário e as falas dos participantes durante o grupo focal foram analisados de forma interpretativa. Os resultados indicam que a maioria dos aprendizes utiliza IA principalmente para correção gramatical e melhoria de vocabulário na escrita em inglês. As falas dos participantes durante o grupo focal, pós oficina pedagógica, evidenciaram que embora haja um uso passivo da IA por alguns aprendizes, a maioria dos participantes demonstrou uma postura ativa e crítica, refletindo sobre as sugestões da ferramenta ChatGPT e incorporando-as ao seu processo de escrita. Conclui-se que a IA, quando mediada pedagogicamente, pode contribuir significativamente para o desenvolvimento da escrita autoral em inglês, promovendo a reflexão e o aprimoramento linguístico em LE.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Produção Escrita; Língua Inglesa.

¹ Graduando em Letras-Inglês pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Caraúbas/RN. E-mail: marcos.melo@alunos.ufersa.edu.br.

² Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: diego.leandro@ufersa.edu.br.

ABSTRACT: This study aimed to investigate the technological profile of learners of English

as a Foreign Language (EFL) and to analyze their perceptions regarding the use of Artificial Intelligence (AI) in English writing. The research was conducted with 13 students from the English Language and Literature program at the Federal Rural University of the Semi-Arid (UFERSA), enrolled in a course on reading and writing in English. Participants completed a profile questionnaire, attended a pedagogical workshop on AI and writing, and took part in a focus group interview immediately after the pedagogical intervention. The closed-ended items of the profile questionnaire were analyzed through graphs, while the open-ended question and the focus group discussions were analyzed interpretatively. The results indicate that most learners use AI primarily for grammar correction and vocabulary improvement in English writing. The focus group discussions, after the pedagogical workshop, revealed that although some learners make passive use of AI, most demonstrated an active and critical stance, reflecting on ChatGPT's suggestions and incorporating them into their writing process. It is concluded that AI, when pedagogically mediated, can significantly contribute to the

Key words: Artificial Intelligence; Written Production; English Language.

Introdução

A presença da Inteligência Artificial (IA) no campo educacional tem se intensificado, especialmente com o surgimento de ferramentas capazes de gerar textos automaticamente, como o ChatGPT. Essa expansão coloca em evidência o papel do professor e a necessidade de se refletir sobre o uso crítico dessas tecnologias na Educação em geral e, mais especificamente, no processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira (LE). Giraffa e Kohls-Santos (2023) destacam que o avanço da IA na educação demanda atenção para que seu uso não se torne apenas mais uma reprodução técnica, mas sim uma prática pedagógica mediada e intencional. Já no campo do ensino de línguas estrangeiras a IA tem ganhado destaque nos últimos anos, ainda que de forma incipiente e experimental em muitos contextos educacionais (Edmett *et al.*, 2024). Por exemplo, ferramentas como ChatGPT³, Grammarly⁴, ProWritingAid⁵, podem ser utilizadas para auxiliar na produção escrita.

Segundo Sumakul, Hamied e Sukyadi (2022), a IA tem o potencial de auxiliar tanto alunos quanto professores no ensino de inglês como LE, oferecendo suporte na correção de textos e no aprimoramento da gramática. No entanto, essa inovação também levanta questões sobre a eficácia dessas tecnologias no ensino da produção textual e sobre seu impacto na autonomia dos aprendizes no processo de escrita (Edmett *et al.*, 2024).

Apesar do avanço das tecnologias baseadas em IA, faz-se necessário debater sobre os benefícios e os desafios pedagógicos que elas representam (Ramos; Siqueira, 2024). Segundo Sumakul, Hamied e Sukyadi (2022), professores de LE possuem percepções variadas sobre o uso dessas ferramentas: enquanto alguns reconhecem a IA como um recurso útil para o desenvolvimento da escrita, outros apontam problemas como a dependência tecnológica e a dificuldade de interpretação das sugestões automatizadas.

Além disso, estudos recentes destacam a importância de diretrizes pedagógicas claras para integrar essas tecnologias de maneira eficaz na educação linguística, ou seja, sem o risco

³ Modelo de linguagem treinado pela OpenAI capaz de gerar, traduzir e reescrever textos com base em comandos textuais. Disponível em: <https://chat.openai.com>.

⁴ Ferramenta online que fornece sugestões de correção gramatical e de estilo em inglês. Disponível em: <https://www.grammarly.com>.

⁵ Plataforma que oferece análise detalhada de textos, incluindo estilo, gramática, coesão e clareza, com foco na melhoria instantânea da escrita. Disponível em: <https://prowritingaid.com>.

de a IA ser considerada como uma solução universal para os problemas educacionais (Godoy, 2024), pois, como alerta Brown (2007), a tecnologia não deve ser vista como panaceia, ou seja, uma solução automática para todos os problemas educacionais. Esse alerta nos convida a refletir sobre os limites do uso da IA no processo de ensino-aprendizagem de LE, especialmente na produção escrita em língua inglesa. Por isso, esta pesquisa busca compreender não apenas os benefícios percebidos pelos aprendizes, mas também as suas expectativas.

Diante desse cenário, este estudo buscou investigar o perfil dos participantes quanto ao uso de IA e suas impressões após uma intervenção pedagógica. A pesquisa objetiva compreender como esses aprendizes utilizam ferramentas baseadas em IA na sua prática de escrita e quais as vantagens e desvantagens que percebem no uso da IA. Para atingir esses objetivos, a pesquisa contou com 13 participantes, alunos do curso de Letras-Inglês da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Centro Multidisciplinar de Caraúbas, matriculados na disciplina *Leitura e Produção Escrita em Língua Inglesa I*. A coleta de dados se deu por meio de um questionário de perfil do participante e uma entrevista no formato grupo focal, realizada imediatamente após uma oficina que abordou o uso de IA na produção escrita em inglês.

Nas próximas seções do presente artigo, fazemos uma breve revisão de literatura, na qual abordamos as potencialidades da IA no ensino-aprendizagem de LE, mais especificamente na prática de escrita em inglês. Em seguida, detalhamos os instrumentos e procedimentos de coleta e análise de dados, apresentamos e discutimos os resultados obtidos e, finalmente, fazemos algumas considerações sobre o estudo, seus resultados e suas limitações.

2 Tecnologias digitais, Inteligência Artificial e Produção Escrita em Língua Inglesa

O uso de tecnologias no ensino de línguas tem uma longa trajetória marcada por avanços, resistência às mudanças e reinvenções. Como destaca Paiva (2015), o uso de tecnologias digitais passou por um processo de rejeição dentro do campo da educação até ser normalizado com a inserção de novas ferramentas de ensino, desde o livro didático (tecnologia analógica) até o computador. A história começa com os recursos impressos e se desenvolve com a incorporação de som e imagens, por meio de fonógrafos, rádio e televisores, que permitiram aos aprendizes ouvir falantes nativos e ampliar o contato com a língua-alvo (Paiva, 2015).

A chegada do computador se dá inicialmente para fins militares e, posteriormente, abre caminho para novas possibilidades de ensino, como softwares interativos, ambientes de aprendizagem online e, mais recentemente, o acesso massivo à internet (especialmente a Web 2.0, com a proposta de ser *user-friendly*, ou seja, mais acessível ao usuário leigo), o que permitiu aos aprendizes vivenciarem a língua-alvo de forma mais autêntica. Por exemplo, é possível conversar com pessoas de países diferentes por meio de redes sociais, chamadas de vídeo e mensagens de voz; assistir a vídeos e ouvir podcasts com linguagem cotidiana, em contraste com o chamado *textbook English*. Há uma gama de possibilidades que podem aproximar mais ainda o aprendiz da língua estudada, tanto dentro quanto fora de sala de aula, com e sem a mediação do professor.

Uma série de pesquisas investigam o impacto das tecnologias digitais no ensino-aprendizagem de LE. Um exemplo interessante é o estudo de Weissheimer, Leandro e Sousa (2017), que analisou as concepções de professores de inglês em formação inicial e continuada sobre o uso de tecnologias digitais no ensino da língua inglesa. Os resultados obtidos por meio de um questionário revelam que os participantes, em geral, demonstraram familiaridade com essas tecnologias e mostraram-se receptivos à adoção de modelos híbridos de ensino que combinam, por um lado, a instrução presencial em sala de aula e, por outro, atividades realizadas online, fora do ambiente escolar.

Dentre os aspectos positivos mencionados pelos pesquisadores (Weissheimer; Leandro; Sousa, 2017), destacam-se a autonomia do aprendiz, a possibilidade de contato com falantes

nativos (e não nativos), a ampliação do vocabulário e a flexibilização do tempo de aprendizagem. Por outro lado, os autores também apontam desafios como a ausência de interação com colegas e professores, dificuldades técnicas enfrentadas pelos aprendizes, e o sentimento de solidão ou desmotivação ao estudar de forma remota, sobretudo quando há pouca mediação pedagógica. Os autores ressaltam a importância de se oferecer formação docente que prepare os professores para o uso pedagógico das tecnologias digitais, a fim de integrá-las de forma crítica e eficiente ao processo de ensino-aprendizagem de L2.

As tecnologias digitais evoluíram até a popularização da Inteligência Artificial (IA). Em sua concepção básica, IA se refere ao campo de estudos voltado ao desenvolvimento de sistemas capazes de simular aspectos da inteligência humana, como a análise, interpretação e geração de linguagem (Giraffa; Kohls-Santos, 2023). No contexto educacional, esses sistemas vêm sendo utilizados como aliados no processo de ensino-aprendizagem, especialmente em propostas de personalização da aprendizagem e apoio à tomada de decisões pedagógicas. Contudo, Giraffa e Kohls-Santos (2023) alertam que o uso dessas ferramentas exige uma reflexão crítica, devendo estar alinhado ao projeto político-pedagógico de cada instituição.

A evolução da IA tem impactado diversas áreas do conhecimento, como a Medicina, o Direito, as Ciências Sociais e, especialmente, a Educação (Sumakul; Hamied; Sukyadi, 2022). No campo educacional, a IA tem contribuído para a personalização do ensino, a automação de processos avaliativos e o suporte ao desenvolvimento de habilidades acadêmicas, como a leitura, a escrita e a oralidade, tanto na língua materna quanto em línguas estrangeiras (Lo *et al.*, 2024). No ensino-aprendizagem de línguas, seja materna ou estrangeira, a IA tem sido utilizada para oferecer feedback instantâneo (resposta imediata e automatizada) correção gramatical e sugestões de aprimoramento textual, tornando-se uma ferramenta de apoio tanto para alunos quanto para professores (Sumakul; Hamied; Sukyadi, 2022).

A integração da IA na educação tem ampliado as possibilidades no contexto de ensino-aprendizagem de LE, tornando os processos mais dinâmicos, responsivos e personalizados (Rodrigues; Rodrigues, 2023). Ferramentas como assistentes de escrita e *chatbots* (programas que simulam interações humanas por meio de linguagem natural gerando respostas automatizadas e contextuais) vêm sendo incorporadas à prática pedagógica e acadêmica, especialmente em contextos de produção textual e ensino de línguas (Edmett *et al.*, 2024).

O uso da IA gera debates sobre a dependência excessiva, especialmente quando os estudantes recorrem às ferramentas para redigir e revisar textos sem refletir sobre o conteúdo. Essa prática pode comprometer o desenvolvimento de habilidades fundamentais, tais como a argumentação, a coerência textual e a construção de vocabulário próprio. Além disso, há riscos relacionados à superficialidade das produções e à redução do esforço cognitivo envolvido no processo de escrita (Sumakul; Hamied; Sukyadi, 2022). No contexto do ensino-aprendizagem de LE, o que os professores observam é que os aprendizes encaram o que a IA retorna como produto final, sem analisar o que foi retornado, sem usar como base para analisar, repensar e refinar a sua produção textual, de forma mais focada no processo.

Um exemplo discutido por Pimenta *et al.* (2024) relata casos de pós-graduandos que utilizaram o ChatGPT para redigir partes de seus textos acadêmicos. Após o uso da ferramenta, os próprios estudantes demonstraram incertezas quanto ao grau de contribuição pessoal na produção final, questionando se o conteúdo poderia ser, de fato, considerado de sua autoria. Esse cenário evidencia preocupações éticas e pedagógicas, pois o distanciamento do sujeito em relação ao processo de escrita pode comprometer a construção do conhecimento, além de afetar princípios essenciais como autoria, criatividade e criticidade, que são pilares da formação acadêmica (Pimenta *et al.*, 2024). Assim, o uso da IA no contexto educacional requer reflexão crítica e mediação docente, de forma a garantir que essas tecnologias atuem como ferramentas de apoio, e não como substitutas da ação autoral e consciente do estudante (Rodrigues; Rodrigues 2023).

Diante das discussões apresentadas sobre o papel das tecnologias digitais e, em especial, da IA na produção escrita em língua inglesa, percebe-se a importância de compreender como

aprendizes de inglês têm interagido com essas ferramentas em contextos reais de aprendizagem. Com base nas contribuições teóricas analisadas, esta pesquisa propôs investigar, de forma qualitativa, o perfil e as percepções de aprendizes em relação ao uso da IA como suporte na escrita autoral em inglês como LE. Para tanto, optou-se por um percurso metodológico que combinou a aplicação de um questionário de perfil, a realização de uma oficina pedagógica com atividades práticas envolvendo IA e, por fim, uma entrevista do tipo grupo focal como forma de aprofundar as reflexões coletivas sobre a experiência vivida. A seguir, detalha-se cada uma dessas etapas metodológicas.

3 Metodologia da Pesquisa

Nesta seção, são descritos os instrumentos e os procedimentos utilizados na coleta de dados. Foram utilizados dois instrumentos principais: (1) um questionário de perfil para levantamento de informações iniciais dos participantes e (2) um roteiro de perguntas abertas, aplicado logo após uma oficina pedagógica voltada ao uso da IA como ferramenta de apoio à produção escrita em inglês como LE, com o objetivo de explorar percepções sobre as potencialidades e limitações do uso da IA nesse processo.

3.1 Tipo de pesquisa

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, que busca compreender as impressões dos participantes a partir de suas experiências e interações com o objeto de estudo. Segundo Minayo (2009), a pesquisa qualitativa é voltada para a análise profunda de fenômenos sociais, permitindo uma compreensão detalhada das subjetividades envolvidas. Para Dörnyei (2007), a pesquisa qualitativa se preocupa com as opiniões, experiências e sentimentos dos sujeitos investigados. Neste contexto, a escolha pela pesquisa qualitativa se justifica pela necessidade de se investigar o perfil dos alunos do ensino superior em relação a como utilizam a IA na produção escrita em língua inglesa, considerando suas opiniões, os desafios que enfrentam e os benefícios que percebem.

3.2 Participantes e contexto da pesquisa

Os participantes da pesquisa foram 13 estudantes da graduação em Letras-Inglês, de uma turma de 15 alunos (dois participantes não puderam comparecer no dia da intervenção) da UFERSA, sendo cinco mulheres e oito homens, com idade média de 26 anos. Para fins de análise e preservação da identidade dos participantes, suas falas foram codificadas numericamente (Participante 1, Participante 2, etc.). À época da coleta de dados, todos os participantes estavam cursando a disciplina *Leitura e Produção Escrita em Língua Inglesa I*.

A escolha dessa turma justifica-se pelo fato de os alunos estarem em fase inicial do desenvolvimento da habilidade de escrita em língua inglesa, sendo, portanto, um grupo interessante para investigar o impacto do uso da IA nesse processo. Salienta-se que a disciplina é obrigatória e ofertada no oitavo semestre da referida licenciatura e que, mesmo com mais de três anos de curso, os alunos chegam à disciplina com pouquíssima experiência de escrita na língua-alvo.

3.3 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados

Nesta seção detalhamos os instrumentos e procedimentos empregados no processo de coleta de dados. Nesta etapa da pesquisa, os participantes responderam a um questionário de perfil, foram expostos a uma oficina sobre o uso de IA e responderam a perguntas sobre a oficina e sobre as vantagens e desvantagens do uso da IA na produção escrita em inglês como LE.

Questionário de perfil do participante

Paiva (2024) define *questionário* como “um instrumento de investigação com questões escritas em papel ou em formato digital a ser respondido por uma pessoa, uma amostra representativa de uma população ou de toda a população” (p. 86-87). Trata-se de um instrumento tradicional, popular, de baixo custo, que pode coletar grandes quantidades de dados e ser reutilizado (Paiva, 2024). Questionários podem coletar informações factuais, comportamentais e atitudinais acerca dos participantes (Paiva, 2024; Dörnyei, 2007), servindo plenamente aos propósitos de uma pesquisa qualitativa.

Isto posto, 13 participantes responderam a um questionário de perfil, por meio do qual pudemos coletar informações comportamentais e atitudinais sobre o uso de tecnologias digitais e IA (quais tecnologias os participantes usam, como usam, o que pensam sobre essas tecnologias). O questionário (Figura 1) foi confeccionado e respondido por meio do Google Formulários. O link para respondê-lo foi enviado aos participantes pelo professor da disciplina, a pedido do pesquisador, em um grupo fechado do WhatsApp com todos os alunos. O questionário continha cinco itens fechados e um item aberto.

Figura 1: Questionário de perfil

Questionário perfil IA

Olá! Este questionário faz parte da oficina sobre o uso da Inteligência Artificial na produção escrita em língua inglesa. O objetivo é entender como você utiliza ferramentas como o ChatGPT no seu processo de escrita em Inglês.

Sua participação é voluntária e as respostas serão utilizadas apenas para fins acadêmicos, com total sigilo. Não é necessário se identificar.

Agradecemos sua colaboração! 😊

* Indica uma pergunta obrigatória

Digite as iniciais do seu nome. *
Exemplo: Antonio José Silva = AJS

Sua resposta

Gênero *
☒ Masculino

Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com Dörnyei (2007), questionários são amplamente utilizados em pesquisas em Linguística Aplicada por permitirem a coleta de dados padronizados, de maneira rápida, econômica e com ampla abrangência. Segundo o autor, essa ferramenta é particularmente eficaz para investigar atitudes, crenças e comportamentos linguísticos em larga escala, sendo indicada especialmente em estudos de natureza descritiva e exploratória. Dörnyei (2007) também recomenda que o questionário seja complementado com outros instrumentos qualitativos, a fim de aprofundar os dados obtidos e captar nuances interpretativas, razão pela qual esta pesquisa também recorreu a uma oficina prática e a um grupo focal como fontes complementares de informação.

Oficina de escrita e grupo focal

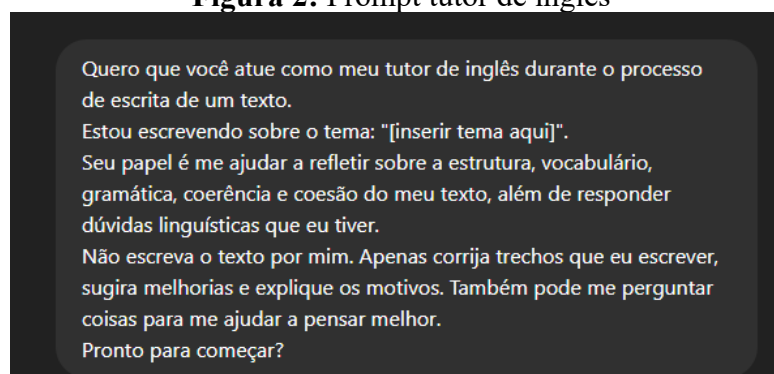
Em um segundo momento da etapa de coleta de dados, os participantes foram expostos a uma oficina, ministrada pelo pesquisador, sobre o uso de IA no processo de escrita em inglês

como LE. A oficina foi estruturada para promover o uso de ferramentas de IA, nomeadamente o ChatGPT, em atividades de produção textual em inglês. A oficina teve início com um *warm-up* interativo, no qual os participantes receberam quatro textos semelhantes e foram desafiados a identificar quais haviam sido escritos por um ser humano e quais haviam sido gerados por IA. Essa dinâmica teve como objetivo despertar o interesse para o tema e estimular a reflexão crítica sobre aspectos da escrita humana e artificial, como fluidez, naturalidade, vocabulário e coesão textual.

Em seguida, foi realizada uma breve exposição teórica, abordando conceitos fundamentais sobre IA, seu funcionamento e suas aplicações no contexto educacional e, mais especificamente, no contexto do ensino-aprendizagem de inglês como LE. Também foram discutidas, de forma introdutória, as implicações éticas e pedagógicas do uso dessas ferramentas, com ênfase no papel do professor como mediador e na importância de manter a autoria e o pensamento crítico dos alunos.

Por fim, desenvolveu-se uma atividade prática de escrita, dividida em dois momentos. No primeiro momento, os participantes escreveram um texto em inglês de forma autônoma, sem o uso de IA, sobre o tema *Use of smartphones in education*. No segundo momento, produziram um novo texto sobre o mesmo tema, agora com o apoio do ChatGPT. Os aprendizes utilizaram três *prompts* ou comandos (Figura 2), que os ajudariam na construção do texto.

Figura 2: Prompt tutor de inglês



Fonte: Dados da pesquisa

Os *prompts* serviram de exemplo de como a IA pode ser utilizada de forma a servir como um tutor no processo de aprendizagem de LE. Fazendo as perguntas certas e inserindo comandos como o exemplo (Figura 2), o aprendiz pode atentar para a sua escrita e focar mais no processo e não no produto, com a análise das possibilidades apresentadas pela ferramenta, com o intuito de refinar a escrita do aprendiz.

Imediatamente após a oficina, foi realizada uma entrevista do tipo grupo focal, com o objetivo de coletar as percepções dos aprendizes sobre o uso da IA e a escrita em inglês após as dicas e atividades da oficina. O grupo focal é uma técnica que permite notar de forma conjunta o que os aprendizes conseguiram observar, ou opiniões que compartilham mutuamente. A atividade foi realizada logo ao final da oficina e contou com a participação voluntária dos aprendizes que participaram da intervenção, em um momento de escuta ativa e discussão mediada. A conversa teve duração de 10 minutos e 2 segundos e foi registrada exclusivamente em áudio, por meio de um smartphone, com o consentimento prévio dos participantes, por meio de um TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A transcrição completa da gravação, bem como o modelo de TCLE estão disponíveis nos anexos⁶²

6

Link de acesso aos anexos:
https://drive.google.com/drive/folders/1qhxFqtqXcKoOb8Hr8hPp5SHxqGvKmRv3?usp=drive_link

deste trabalho.

3.4 Instrumentos e procedimentos de análise de dados

Os dados obtidos por meio dos itens fechados questionário de perfil foram analisados por meio de gráficos. As respostas ao item aberto do questionário foram analisadas de maneira interpretativa, com o auxílio de uma nuvem de palavras na qual os termos mais recorrentes nas respostas dos participantes aparecem em maior tamanho na representação gráfica. As falas gravadas durante a entrevista (grupo focal) foram transcritas e analisados qualitativamente por meio da interpretação, seguindo a metodologia de autores tais como Leandro, Sousa e Weissheimer (2016), que enfatizam a importância de se ouvir o que os aprendizes de LE têm a dizer. Para ilustrar a opinião do grupo de participantes, trazemos excertos das respostas ao questionário e da fala dos participantes durante o grupo focal. Os resultados são apresentados e discutidos a seguir.

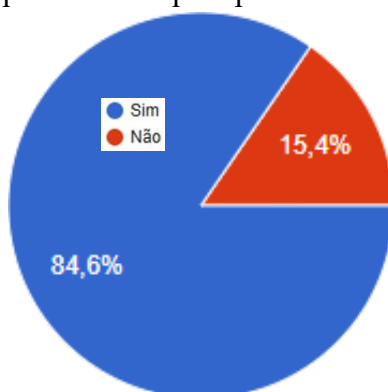
4 Resultados e Discussão

Aqui trazemos os resultados da análise do questionário de perfil e da entrevista em grupo focal realizado ao final da oficina de escrita em língua inglesa. Iniciamos pelo perfil tecnológico dos participantes e seguimos com a análise das suas falas na oficina, discutindo os resultados à luz de teorias de ensino-aprendizagem de LE, tecnologias digitais e IA.

4.1 Análise do questionário de perfil do participante

Treze participantes (de uma turma de 15 alunos) responderam ao questionário. Primeiramente, perguntamos o seguinte aos participantes: *Como aprendiz de inglês como língua estrangeira, você utiliza ferramentas de IA para praticar habilidades na língua inglesa?* As respostas podem ser observadas no Gráfico 1.

Gráfico 1: Uso prévio de IA para praticar habilidades em inglês



Fonte: Dados da pesquisa

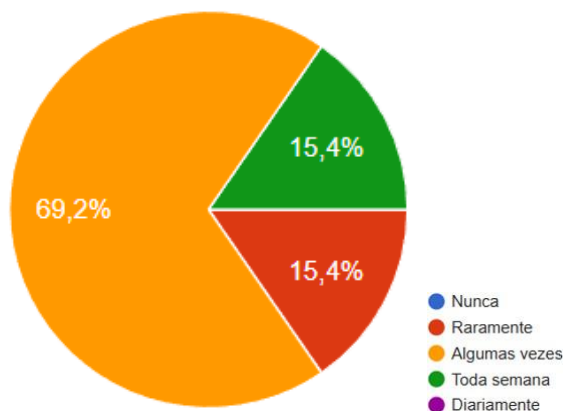
Como é possível observar no Gráfico 1, a maioria dos participantes (84,6%) afirma já ter utilizado ferramentas de IA para praticar alguma habilidade na língua inglesa. Esse número pode ser explicado pela popularização de ferramentas como o ChatGPT e afins, que oferecem respostas rápidas, correções gramaticais e sugestões de vocabulário, facilitando o aprendizado autônomo. Além disso, o acesso fácil e gratuito a essas tecnologias favorece seu uso, especialmente entre estudantes universitários que buscam apoio em suas produções escritas, seja na língua materna ou estrangeira.

Por outro lado, 15,4% dos participantes afirmaram não utilizar IA especificamente para praticar o inglês. Isso pode estar relacionado à falta de familiaridade com essas ferramentas, à

insegurança quanto à confiabilidade das respostas geradas ou, ainda, à preferência por métodos e ferramentas mais tradicionais de estudo, tais como livros, dicionários e a mediação direta do professor.

Na sequência do questionário, fizemos uma pergunta sobre a frequência com que os participantes utilizam ferramentas de IA (*Com que frequência você utiliza ferramentas de IA para escrever em inglês?*). As respostas podem ser observadas no Gráfico 2.

Gráfico 2: Frequência de uso da IA para escrever em inglês



Fonte: Dados da pesquisa

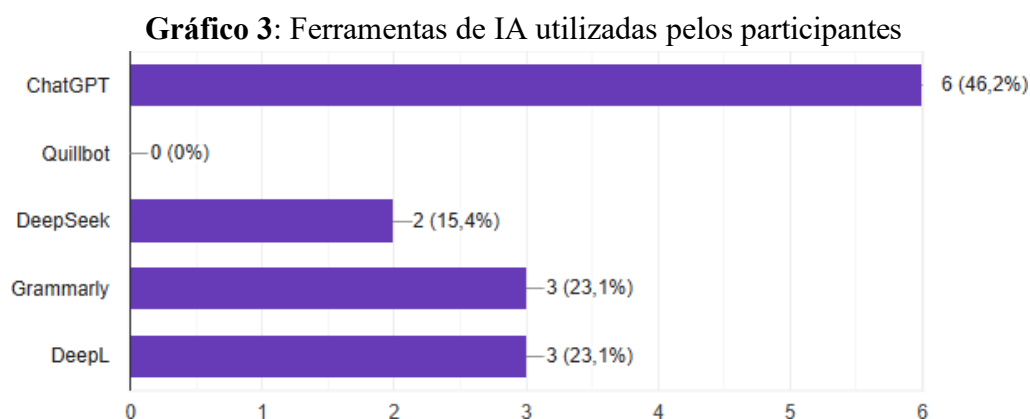
Como podemos notar no Gráfico 2, a maior parte dos respondentes (69,2%) afirmou utilizar ferramentas de IA “algumas vezes”, o que indica que já há uma certa familiaridade com esse tipo de ferramenta, embora seu uso pareça ocorrer de maneira pontual e não sistemática, o que pode indicar que não há dependência consolidada nesse grupo de participantes, comportamento que vai ao encontro das reflexões de Rodrigues e Rodrigues (2023), que destacam a importância de se evitar o uso automático e descontextualizado da IA na educação. Os autores argumentam que, ao invés de uma substituição das capacidades humanas, a IA deve atuar como mediadora de um processo de aprendizagem crítico e emancipador, que valorize o papel do sujeito como protagonista na construção do conhecimento linguístico.

Dos 13 participantes da pesquisa, 15,4% declararam utilizar ferramentas de IA com frequência semanal, o que indica um padrão de uso mais regular, ainda que moderado. Ainda, 15,4% relataram que usam raramente a IA, o que sugere que o recurso é acionado de forma pontual, talvez em contextos mais específicos.

Ao analisarmos os dados de uso da IA com base na frequência (Gráfico 2), observamos que nenhum participante indicou uso nulo da ferramenta. Porém, ao cruzarmos esses dados com o uso prévio de IA para praticar habilidades em inglês (Gráfico 1), percebemos que 15,4% dos respondentes afirmaram não utilizar a IA para praticar nenhuma habilidade, o que indicaria que dois participantes não fazem uso da IA para fins pedagógicos. Esse dado apresenta um conflito, já que nenhum participante se identificou como não usuário. Considerando que a escrita foi a habilidade mais mencionada, e que praticá-la com IA já configura uso, é possível que essa inconsistência decorra de uma interpretação limitada da pergunta ou do entendimento restrito do que se configura como “prática de habilidades”. Portanto, a análise sugere que mesmo entre aqueles que afirmam não utilizar IA com foco em habilidades, pode haver uso pontual e não reconhecido como prática consciente, especialmente no que diz respeito à produção escrita, que é muitas vezes vista como uma atividade final, e não como parte do processo de aprendizagem.

Perguntamos aos participantes, ainda, quais ferramentas específicas eles já utilizaram para escrever ou revisar textos na língua inglesa (*Você já usou alguma ferramenta de Inteligência Artificial para escrever em inglês ou revisar textos? Se sim, qual ferramenta você já utilizou?*). A pergunta permitia a seleção de múltiplas respostas, possibilitando que o participante indicasse todas as ferramentas que já experimentou. As respostas são apresentadas

no Gráfico 3.

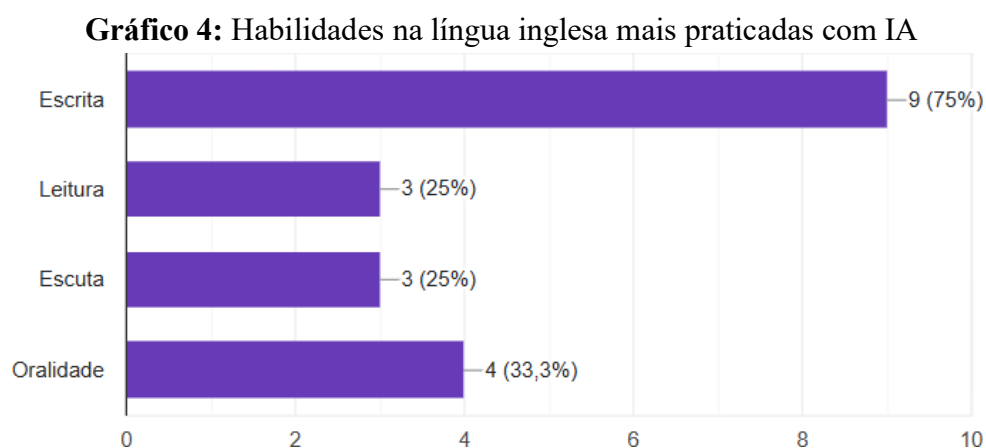


Fonte: Dados da pesquisa

Entre os 13 respondentes do questionário, quase metade (46,2%), declarou já ter utilizado o ChatGPT para redigir ou revisar textos em inglês. Esse resultado confirma a popularidade dessa ferramenta, provavelmente devido à sua interface acessível, à variedade de respostas e ao domínio que possui sobre a língua-alvo, o que a torna bastante atrativa para aprendizes que desejam produzir e analisar textos em inglês, identificando lacunas na sua produção textual.

Em segundo lugar, aparecem empatadas as ferramentas Grammarly e DeepL, ambas utilizadas por (23,1%) dos participantes. O Grammarly é conhecido por oferecer correções gramaticais (pode funcionar, inclusive, embutido no GoogleDocs), enquanto o DeepL é mais voltado para tradução, embora muitos usuários o utilizem também como apoio à reescrita e reestruturação dos textos.

Visto que a maioria dos participantes identificaram as ferramentas de IA que mais utilizam para praticar inglês, perguntamos quais as habilidades que eles mais praticavam por meio da IA (*Qual a habilidade na Língua Inglesa você mais pratica com ferramentas de IA?*). O participante pôde marcar mais de uma opção. As respostas são apresentadas no Gráfico 4



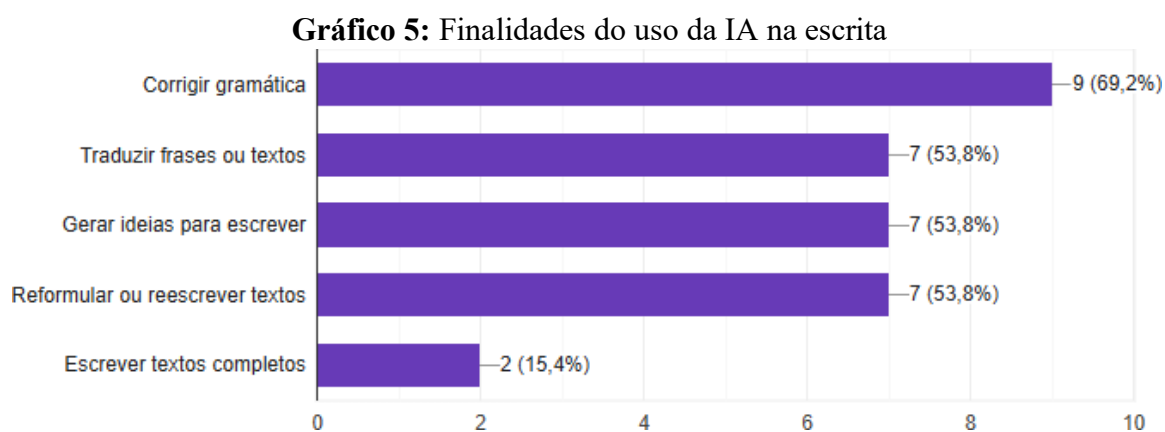
Fonte: Dados da pesquisa

Como é possível observar no Gráfico 4, a habilidade mais praticada (por esse grupo de participantes) com o uso de ferramentas de IA é, justamente, a escrita, com 75% dos participantes indicando que já utilizaram IA para auxiliá-los nesse processo. Esse dado reforça a ideia de que a escrita é o principal foco de apoio das ferramentas de IA como o ChatGPT, que oferecem sugestões em termos de gramática e léxico mais adequados a diferentes propostas de produção escrita na língua-alvo.

Em segundo lugar, aparece a oralidade, com 33,3% dos participantes afirmando ter usado IA para praticar essa habilidade. Isso pode estar relacionado ao uso de tecnologias com áudio, como *chatbots* que leem textos em voz alta ou aplicativos que simulam conversas reais, o que demonstra que, embora a escrita seja o foco, há interesse em explorar a IA também para praticar a fala em inglês, o que talvez não seja tão explorado ainda devido ao fato de que muitos dos recursos das ferramentas de IA funcionem melhor na versão paga. Já com relação à escrita, pode-se tirar o máximo proveito mesmo nas versões gratuitas.

Por fim, tanto a leitura quanto a compreensão oral aparecem com 25% das respostas. Isso sugere que, apesar de serem menos frequentes, essas habilidades também estão sendo praticadas com apoio de IA, provavelmente por meio de resumos automáticos, traduções e geração de explicações para trechos lidos ou ouvidos. A presença dessas habilidades no gráfico reforça a multifuncionalidade da IA na aprendizagem de línguas, ainda que com menor intensidade.

Buscando compreender de que forma os participantes utilizam ferramentas de IA na escrita, especificamente, fizemos a seguinte pergunta de múltipla escolha: *Para quais finalidades você já utilizou ferramentas de IA ao escrever em inglês?* (Gráfico 5).



Fonte: Dados da pesquisa

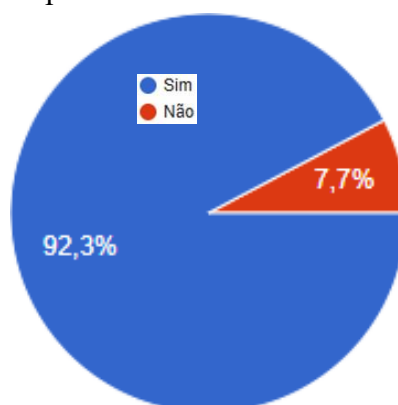
Como podemos observar no Gráfico 5, a finalidade mais comum relatada pelos participantes é a correção gramatical, citada por aproximadamente 69% dos respondentes. Esse resultado reforça o papel da IA como uma ferramenta de revisão especialmente útil para aprendizes de LE que desejam ter certeza de que as estruturas gramaticais em suas produções estão corretas.

Empatadas com 53,8% das respostas aparecem outras quatro finalidades para o uso da IA, a saber: tradução de frases e textos, geração de ideias, reformulação e reescrita de trechos. Esses usos demonstram que os aprendizes não recorrem à IA apenas para correção gramatical, mas também a utilizam como suporte no processo criativo, explorando possibilidades linguísticas e aprimorando o vocabulário. Tal comportamento indica uma relação mais interativa e construtiva com a ferramenta, revelando certo grau de autonomia no uso.

Por outro lado, apenas 15% dos participantes afirmaram utilizar a IA para gerar textos completos, o que pode refletir uma cautela ética quanto ao apagamento da autoria. Essa preocupação dialoga com as observações de Pimenta *et al.* (2024), que identificaram, em um experimento com pós-graduandos, o surgimento de dúvidas quanto à autoria dos textos gerados com auxílio do ChatGPT, levantando questões sobre o papel do sujeito na escrita e os limites da mediação tecnológica em contextos acadêmicos.

Com o intuito de investigar como os aprendizes percebem o papel da IA no desenvolvimento da sua habilidade de escrita em inglês, fizemos uma pergunta (Gráfico 6) sobre o impacto percebido dessas ferramentas (*Você acha que a IA ajuda na sua escrita em inglês?*).

Gráfico 6: Percepção dos aprendizes sobre a utilidade da IA na escrita em inglês



Fonte: Dados da pesquisa

A maioria dos participantes (92,3%) respondeu que acredita que a IA impacta positivamente o processo de escrita em inglês, reconhecendo as ferramentas como úteis no processo de construção textual. Esse dado revela uma percepção favorável do grupo de participantes em relação à presença da IA como recurso de apoio, o que reforça seu valor pedagógico quando usada de forma crítica, sem o copiar e colar do que o ChatGPT retorna, mas consciente do processo de escrita.

Essa postura vai ao encontro do que afirmam Rodrigues e Rodrigues (2023), ao destacarem que o uso da IA deve estimular ações educativas que fortaleçam a autoria, a criatividade e a criticidade. Apenas uma pessoa (7,7%) declarou que não considera a IA útil na sua escrita. Esse posicionamento pode refletir experiências menos satisfatórias com a tecnologia, desconhecimento das ferramentas disponíveis ou até mesmo uma preferência por métodos mais tradicionais de escrita e correção.

Além das perguntas objetivas, o questionário contou com uma única questão discursiva (*Descreva brevemente como a IA auxilia você no desenvolvimento da sua escrita em inglês*). O objetivo dessa pergunta foi explorar, em maior profundidade, a percepção individual dos participantes sobre o uso prático da IA como ferramenta de apoio à produção escrita. Para analisarmos essas respostas, criamos uma nuvem de palavras (Figura 3) que mostra em maior tamanho os itens mais recorrentes nas respostas dos participantes.

Figura 3: Nuvem de palavras das respostas discursivas



Fonte: Dados da pesquisa

A nuvem de palavras, produzida pelo ChatGPT a partir das respostas dos participantes, mostra em maior tamanho os termos mais recorrentes no conjunto de respostas. As palavras

mais citadas foram *vocabulário* (três ocorrências) e *textos* (três ocorrências), o que mostra que muitos aprendizes veem a IA como uma ferramenta útil para expandir o repertório lexical e escrever textos mais refinados em inglês. Em seguida, aparecem *traduzir* (duas ocorrências), *ideias* (duas ocorrências), *sinônimos* (duas ocorrências) e *escrita* (duas ocorrências). Isso indica que os alunos usam a IA não só para revisar, mas também para gerar ideias para a produção escrita e reescrever frases com outras palavras. Os termos citados aparecem nas respostas dos seguintes participantes:

Participante 1: *Às vezes utilizo alguma IA para refinar o **vocabulário** e a estruturação de textos, especialmente em contextos acadêmicos, já que, até o momento, eu não havia tido muito contato com esse tipo de escrita em inglês.*

Participante 2: *Ajuda na parte de estruturar **ideias**. Também uso para praticar escrita: envio meu texto e peço um feedback com foco na gramática, explicando os erros, o porquê de determinada palavra se encaixar melhor naquele contexto, por que usar a palavra X e não Y (mesmo tendo significados semelhantes). Esse tipo de explicação me ajuda a ampliar o **vocabulário** com novas palavras, termos e expressões.*

Participante 3: *Prático escrevendo sobre determinados assuntos cotidianos e de interesse pessoal (música, filmes etc.), pedindo correção automática. Peço para a IA gerar **textos** curtos em português para que eu faça uma versão em inglês. Depois, peço correção com uma estimativa de 0 a 100% de acerto e dicas de **vocabulário** e expressões em inglês que se encaixem melhor no contexto.*

As falas dos participantes 1, 2 e 3 demonstram um uso consciente e estratégico da IA no processo de escrita em inglês, especialmente em contextos pessoais e acadêmicos. Um dos elementos mais recorrentes nos relatos é o aprimoramento do vocabulário, evidenciado tanto a busca ativa por sinônimos quanto pela expansão do repertório lexical possibilitada pelas ferramentas. Isso aparece com clareza na fala do Participante 2, que menciona pedir feedback explicativo para entender o porquê de uma palavra ser mais adequada que outra em determinado contexto. Isso reflete uma postura crítica diante das correções e um desejo de internalizar esse conhecimento.

O uso da IA para fins de tradução e reescrita também aparece na fala do Participante 3, que descreve um processo interessante: traduzir um texto gerado em português para o inglês, revisar, e depois solicitar uma avaliação com porcentagem de acerto. Essa prática revela não apenas um uso instrumental da IA, mas um engajamento com a aprendizagem por meio de ciclos de produção, revisão e reflexão, o que vai ao encontro do conceito de *feedback imediato* que muitas dessas ferramentas oferecem.

Essas práticas confirmam o que argumentam Leandro, Sousa e Weissheimer (2016) ao defenderem que as tecnologias digitais podem ser aliadas no ensino-aprendizagem de L2, desde que incorporadas de forma crítica, com base em objetivos pedagógicos claros e conscientes. Os participantes não se colocam como receptores passivos, mas como agentes que exploram os recursos da IA para aprimorar suas habilidades na LE, seja ampliando o vocabulário e/ou reorganizando ideias, tornando-se, consequentemente, mais autônomos na produção de textos em inglês.

Dentro da nuvem de palavras, também podemos visualizar os itens *sinônimos*, *ideias* e *tradução*, que aparecem nas respostas dos participantes a seguir.

Participante 4: *Ajuda na escrita, oferecendo **sinônimos** diferentes e formas de escrita distintas da que normalmente uso.*

Participante 5: Organização de *ideias* e melhorias com substituição de *sinônimos*.

Participante 6: Ajudando a *traduzir* palavras, parágrafos e trechos. Ajudando a encontrar *sinônimos* e reescrever *textos*.

As falas dos participantes 4, 5 e 6 apontam para um padrão comum de uso da IA: a busca por alternativas linguísticas, como sinônimos e reescrita, com o objetivo de conferir mais clareza e variar o vocabulário. Essa prática revela que os aprendizes compreendem a IA como uma ferramenta que pode ampliar seus recursos expressivos e estilísticos quando escrevem em língua inglesa.

Ainda que os participantes 4, 5 e 6 façam um uso bastante funcional da IA, os relatos também apontam para um possível uso automatizado, ou seja, uso pouco crítico e baseado em respostas prontas. Nesse sentido, a reflexão proposta por Rodrigues e Rodrigues (2023) é especialmente relevante, pois os autores alertam que, ao nos demormos apenas nas funcionalidades das tecnologias, corremos o risco de ignorar tanto seus limites quanto suas potencialidades formativas.

Ainda segundo os autores (Rodrigues; Rodrigues, 2023), o uso da IA pode gerar respostas tendenciosas ou limitadas, que não estimulam o pensamento divergente e criativo, reforçando padrões superficiais sem base científica. Diante disso, destaca-se a importância da mediação pedagógica para que os aprendizes não apenas utilizem a tradução ou reescrita automática de forma passiva, mas desenvolvam autonomia e pensamento crítico ao interagir com as sugestões da IA. Isso significa refletir sobre a pertinência das palavras sugeridas, compreender os motivos por trás das correções e, assim, construir uma escrita mais consciente e autoral. Ao adotar essa postura ativa, o aprendiz deixa de ser um mero receptor de soluções prontas e passa a explorar a IA como uma ferramenta de apoio ao seu processo reflexivo e formativo no uso da língua inglesa.

Além disso, palavras como *parágrafos*, *expressões*, *gramática* e *frases* também aparecem na nuvem, sugerindo que a IA tem sido usada em diferentes momentos do processo de escrita, desde a organização até a correção. Os dados advindos das repostas ao questionário mostram que os alunos reconhecem o apoio da IA em tarefas práticas e importantes da produção textual em língua inglesa.

4.2 Análise das respostas do grupo focal

Com o intuito de compreender com mais profundidade as percepções dos aprendizes sobre o uso da IA, passamos à análise do áudio transcrito da entrevista em grupo focal. Durante a conversa, os participantes compartilharam suas experiências e percepções sobre o uso da IA como ferramenta de apoio na produção textual.

As falas utilizadas como exemplo foram selecionadas por apresentarem reflexões significativas sobre aspectos como autoria, aprendizagem, confiança linguística e o papel das tecnologias digitais na prática da escrita em LE. Embora apenas quatro participantes tenham tido suas falas transcritas integralmente, todos os presentes participaram da discussão. No entanto, foram priorizadas aquelas intervenções que dialogavam de forma mais direta com os objetivos da pesquisa e com o referencial teórico adotado, permitindo uma leitura mais aprofundada das experiências vividas na oficina e compartilhadas no grupo focal.

Durante o grupo focal, os participantes foram provocados a refletir sobre o impacto da IA em sua escrita autoral. O pesquisador questionou se o uso dessas ferramentas interferia no estilo pessoal de escrita e na percepção de autoria dos textos produzidos. Eis as respostas dos participantes 3 e 4:

Participante 3: *Não, porque é uma máquina que está escrevendo, a gente... Ela ajuda a escrever, ela faz do jeito dela, não é do jeito da gente.*

Participante 4: *Mas é mais, assim, pelo menos para mim, é porque é como se a máquina tivesse um nível, assim, C1, C2 da vida. Por exemplo, quando você... naquela parte que pediu para identificar o nível, ele dá um nível e naturalmente é um nível mais elevado que o meu, ele tem um espírito mais acadêmico.*

Essas falas ilustram um ponto discutido por Pimenta *et al.* (2024), que aborda a confusão de autoria gerada pela IA. O participante 3 expressa a sensação de que a IA não apenas corrige ou sugere, mas de fato interfere na escrita, o que pode gerar incerteza quanto à autoria do texto. O comentário reflete as preocupações sobre o impacto da IA na autonomia do aprendiz e o risco de substituição da autoria, em vez de mediá-la. Na sequência, o Participante 4 fala sobre níveis de proficiência linguística.

A fala do Participante 4 destaca uma percepção recorrente entre os aprendizes de uma LE: a sensação de que a IA possui um domínio linguístico mais avançado, com vocabulário mais acadêmico e estrutura textual mais formal. Ao afirmar que a IA parece operar em um “nível C1 ou C2”, o aprendiz reconhece a capacidade da ferramenta de oferecer modelos de escrita sofisticados. Embora esse aspecto possa representar uma oportunidade de aprendizagem e inspiração para aprimorar a própria escrita, também pode acarretar um certo distanciamento da produção textual. Esse distanciamento ocorre quando o aprendiz deixa de se reconhecer como autor do próprio texto, adotando integralmente as sugestões da IA. Assim, o texto final pode refletir mais o estilo da ferramenta do que a voz genuína do aprendiz, ou seja, sua identidade como produtor de texto. Essa constatação reforça a importância da mediação pedagógica no uso da IA, de modo a estimular o uso consciente e autoral dessas tecnologias.

Essa percepção dialoga com as discussões de Edmett *et al.* (2024), que alertam para a necessidade de formar aprendizes capazes de avaliar criticamente o conteúdo gerado pela IA, especialmente em contextos acadêmicos. Os autores destacam que, embora essas ferramentas possam oferecer linguagem mais elaborada, é preciso que o sujeito da aprendizagem atue ativamente, decidindo o que aceitar, adaptar ou recusar, preservando sua autoria e sua voz.

Durante a entrevista do grupo focal, o pesquisador buscou compreender como o uso da inteligência artificial poderia impactar a relação dos aprendizes com a língua inglesa. A pergunta propôs uma reflexão sobre o possível fortalecimento ou enfraquecimento dessa relação a partir do uso frequente dessas ferramentas. Nesse momento, o Participante 6 compartilhou sua perspectiva, ressaltando os benefícios da IA especialmente no que diz respeito à confiança e ao aprendizado de regras gramaticais.

Participante 6: *Acho que dá até mais confiança para a pessoa. Utilizando a ferramenta dos prompts, meio que pode ajudar, porque a gente pode aprender. Principalmente as regrinhas gramaticais.*

Este comentário sugere que, para o Participante 6, a IA tem um papel importante em aumentar a sua confiança na produção escrita, principalmente no que tange às questões gramaticais. Além disso a afirmação do participante demonstra engajamento com o recurso tecnológico de forma complementar ao seu processo formativo.

Essa perspectiva se articula com o que defendem Weissheimer e Leandro (2016) ao tratarem da importância de uma abordagem híbrida de aprendizagem, em que o aprendiz possa continuar sua jornada também fora da sala de aula, explorando recursos digitais em seu próprio ritmo e conforme seu nível de motivação. O uso de ferramentas como a IA para revisar regras, testar estruturas e refletir sobre a escrita fora do espaço físico da aula presencial amplia o espaço de aprendizagem e é justamente essa autonomia progressiva que os autores consideram fundamental no contexto da educação linguística mediada por tecnologias digitais.

As falas a seguir se desenvolvem a partir de uma pergunta do pesquisador sobre o impacto do uso da IA na relação dos aprendizes com a aprendizagem da língua inglesa. A questão central é se o uso dessas ferramentas facilita o processo de aprendizagem e motiva o estudo, ou se, ao contrário, enfraquece o envolvimento pessoal com a língua-alvo.

Participante 1: *De repente você usa tantas vezes que pode chegar um momento que tem coisas que você acaba internalizando também. Não precisa mais da ajuda. Chega um momento. Coisas específicas.*

Participante 6: *Se for utilizar um método de prompts e que, por exemplo, leve a gente a pesquisar textos que nem no primeiro momento. Que nem eu tive que escrever um site muito bom porque tem vários artigos lá. Então, nesse caso ele contribui para o aprendizado. Para o meu vocabulário.*

As falas dos participantes 1 e 6 revelam percepções maduras sobre o uso da IA como ferramenta de apoio ao desenvolvimento da escrita. O Participante 1 aponta que, ao utilizar a IA de forma orientada, é possível alcançar um nível de aprendizado em que certas estruturas e recursos linguísticos são internalizados, dispensando a consulta constante à ferramenta. Quer dizer, a IA será utilizada até certo ponto. À medida que o aprendiz perceba padrões de uso da língua e possibilidades de expressão, passará a utilizá-las sem a necessidade de consultar o assistente virtual.

O Participante 6 enfatiza o uso da IA como ponte para a pesquisa ativa, destacando que, a partir de um *prompt* inicial, foi conduzido a fontes confiáveis que contribuíram diretamente para o enriquecimento de sua pesquisa. Ambas as falas sugerem que, como dito anteriormente, quando bem mediada, a IA pode auxiliar no desenvolvimento gradual da autonomia do aprendiz.

As falas dos participantes 1 e 3, a seguir, reforçam uma visão amadurecida sobre o papel da IA no processo de ensino-aprendizagem de LE. O Participante 1 reconhece que já fazia uso da IA anteriormente, mas destaca que a oficina proporcionou uma nova perspectiva, mais consciente e estratégica, sobre como utilizar essas ferramentas. Isso indica que ações pedagógicas direcionadas, como a que foi proposta nesta pesquisa, podem influenciar positivamente a forma como os aprendizes lidam com a tecnologia. Para finalizar foi perguntado se a visão sobre uso da IA havia mudado pós oficina, e se os participantes já utilizavam a IA como proposto pelo pesquisador. Eis as respostas dos participantes 1 e 3:

Participante 1: *Já utilizava, mas traz uma nova perspectiva. Isso. Uma maneira ainda melhor de utilização.*

Participante 3: *Eu acredito que sim. Porque é aquela questão de não dar para você brigar contra a evolução. Até um tempo atrás a gente tinha projetor, tinha computador. Então a gente tem que adequar da melhor forma as novas tecnologias. Isso. Ser usados corretamente.*

O Participante 3 adota uma postura de aceitação frente às mudanças tecnológicas, afirmando que “não dá pra brigar contra a evolução”, e que é preciso aprender a adequar e utilizar corretamente os recursos emergentes. Essa fala remete às discussões propostas por Pimenta *et al.* (2024) e Weissheimer e Leandro (2016), que defendem a necessidade de mediação pedagógica para que o uso de recursos tecnológicos, como a IA não seja nem rejeitado por conservadorismo nem adotado de forma acrítica. Os dois comentários apontam para a importância de formar aprendizes que saibam conviver com a tecnologia, compreendendo seus benefícios, limitações e implicações éticas e linguísticas.

As falas selecionadas evidenciam que os aprendizes não apenas reconhecem o potencial da inteligência artificial como ferramenta de apoio à produção escrita em língua inglesa, mas também demonstram consciência crítica sobre os limites e impactos do seu uso. Aspectos como autoria, confiança linguística e apropriação do vocabulário surgem como pontos-chave nas percepções dos participantes. Em conjunto, esses relatos revelam que, quando bem orientado, o uso da IA pode favorecer a autonomia e a reflexão no processo de aprendizagem de LE.

Considerações finais

A pesquisa aqui reportada teve como objetivo investigar o perfil de aprendizes de inglês do ensino superior, futuros professores, e suas percepções acerca do uso de ferramentas de IA no processo de escrita em língua inglesa. Por meio de uma abordagem qualitativa, a pesquisa

se valeu de um questionário de perfil do participante e de uma oficina pedagógica, seguida de uma entrevista do tipo grupo focal ao final da experiência. Esses instrumentos permitiram coletar dados que, quando analisados, refletiram a diversidade de posturas adotadas pelos aprendizes frente à mediação tecnológica na escrita.

Os resultados indicam que a maioria dos participantes já faz uso de IA, principalmente para revisar textos, corrigir gramática e ampliar vocabulário. A ferramenta mais citada foi o ChatGPT. No entanto, as formas de uso variam: enquanto alguns participantes utilizam a IA de maneira automatizada ou pontual, outros demonstram um uso mais crítico e estratégico, buscando compreender as sugestões recebidas, refletir sobre a linguagem e adaptar as produções ao seu próprio estilo de escrita.

As falas da entrevista em grupo focal revelaram percepções importantes, como o sentimento de maior confiança na escrita, a ampliação da consciência linguística e a internalização progressiva de estruturas por meio do uso sistemático da IA. Ao mesmo tempo, também emergiram preocupações com relação à autoria e à dependência excessiva dessas tecnologias, aspectos discutidos por autores como Pimenta *et al.* (2024) e Edmett *et al.* (2024), que alertam para a importância da mediação pedagógica no uso ético e crítico da IA para formação dos futuros professores de inglês em formação.

Como limitação, destaca-se o pequeno número de 13 participantes e a curta duração da intervenção, o que não permite generalizações para além deste grupo. Sugere-se que pesquisas futuras explorem ciclos mais longos de escrita com IA, acompanhem a evolução do desempenho linguístico ao longo do tempo e investiguem a formação docente para fazer uso desse tipo de ferramenta na sala de aula de LE.

Em síntese, esta pesquisa reforça que a IA, quando inserida com intencionalidade e reflexão, pode atuar como aliada no desenvolvimento da escrita autoral em inglês. Mais do que automatizar processos, as ferramentas de IA podem ajudar o aprendiz a ampliar vocabulário, compreender estruturas e ganhar autonomia linguística, de modo que o sujeito permaneça ativo, consciente e protagonista no seu processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

DÖRNYEI, Zoltán. **Research Methods in Applied Linguistics: quantitative, qualitative, and mixed methodologies**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

EDMETT, A.; ICHAPORIA, N.; CROMPTON, H.; CRICHTON, R. Artificial intelligence and English language teaching: Preparing for the future. **British Council**, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.57884/78EA-3C69>. Acesso em: 18 fev. 2025.

GIRAFFA, Lucia; KOHLS-SANTOS, Priscila. Inteligência artificial e educação: conceitos, aplicações e implicações no fazer docente. **Educação em Análise**, Londrina, v. 8, p. 116-134, jan./jul. 2023. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/educanalise/article/view/48953>. Acesso em: 12 jul. 2025.

GODOY, Renan Antônio Pais de. **A UNESCO e as prescrições educacionais na utilização da inteligência artificial na educação latino-americana**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2024.

LO, Chung Kwan; YU, Philip Leung Ho; XU, Simin; NG, Davy Tsz Kit; JONG, Morris Siu-yung. Exploring the application of ChatGPT in **ESL/EFL education and related research issues**: a systematic review of empirical studies. *Smart Learning Environments*, v. 11, n. 1, p.

1–29, 2024. Disponível em: <https://slejournal.springeropen.com/articles/10.1186/s40561-024-00342-5>. Acesso em: 3 ago. 2025.

LEANDRO, Diêgo Cesar; SOUSA, Lorena Azevedo de; WEISSHEIMER, Janaina. Hibridizando a aprendizagem de inglês como L2 com Googledocs e Voicethread: o que os aprendizes têm a dizer? **Hipertextus Revista Digital**, v. 15, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufmg.br/index.php/hipertextus/article/view/2487>. Acesso em: 19 jul. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 229–238, jul./set. 1992. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1992000300013>. Acesso em: 6 ago. 2025.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Pesquisa: projeto, geração de dados e divulgação**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2024.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. O uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeiras: breve retrospectiva histórica. In: JESUS, Dánie Marcelo de; MACIEL, Ruberval Franco (orgs.). Olhares sobre tecnologias digitais: linguagens, ensino, formação e prática docente. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. p. 21–34. (Coleção Novas Perspectivas em Linguística Aplicada, v. 44).

PIMENTA, A. M.; LOPES, C.; ALMEIDA, C. E. N.; STEIN, S. A inteligência artificial na escrita acadêmica: ainda existe lugar para o sujeito na escrita? **Educação & Análise**, v. 9, n. 2, p. 594–608, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/1984-7939.2024v9n2p594>. Acesso em: 18 jul. 2025.

RAMOS, Elissandra de Paula; SIQUEIRA, Daniel Cunha. A escrita acadêmica e o uso da inteligência artificial. **World Journal of English Language**, v. 11, n. 1, p. 125–143, 2024. Disponível em: <https://www.sciedupress.com/journal/index.php/wjel/article/view/27668/16930>. Acesso em: 17 jul. 2025.

RODRIGUES, O. S.; RODRIGUES, K. S. A inteligência artificial na educação: os desafios do ChatGPT. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, v. 16, e45997, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-3652.2023.45997>. Acesso em: 18 jul. 2025.

SUMAKUL, D. T. Y. G.; HAMIED, F. A.; SUKYADI, D. Artificial intelligence in EFL classrooms: Friend or foe? **LEARN Journal: Language Education and Acquisition Research Network**, v. 15, n. 1, p. 232–256, 2022. Disponível em: <https://so04.tci-thaijo.org/index.php/LEARN/index>. Acesso em: 18 fev. 2025.

WEISSHEIMER, Janaina; LEANDRO, Diêgo Cesar. Facebook e aprendizagem híbrida de inglês na universidade. In: Vilson Leffa; Júlio Araújo. (Orgs.). **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos a aprender?**. 1ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016, v. 1, p. 123–136.

WEISSHEIMER, Janaina; LEANDRO, Diêgo Cesar; SOUSA, Lorena Azevedo de. Ensino-aprendizagem high-tech: investigando o uso de tecnologias digitais por professores de inglês em formação inicial e continuada. **Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 77–90, 2017. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/1537/1296>. Acesso em: 19 jul. 2025.